

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

**A não aceitação do término do relacionamento amoroso: Homens que
violentam suas ex-companheiras**

Luara Assis Brasil Almeida

São Paulo –SP
Junho de 2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

**A não aceitação do término do relacionamento amoroso: Homens que
violentam suas ex-companheiras.**

Trabalho apresentado como exigência da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso do 5º ano do curso
de Psicologia da PUC-SP, sob orientação da
Professora Doutora Noely Montes.

São Paulo – SP
Junho de 2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer uma pessoa que foi muito importante em toda a minha vida e que infelizmente não pode me acompanhar nessa nova etapa. Apesar de ter se ausentado desse mundo, em todos esses anos de faculdade, mesmo não podendo mais vê-la, eu senti a sua presença ao meu lado o tempo todo. Devo a ela, minha querida avó Aparecida, todos esses anos de batalha e comprometimento, pois ela é a essencial em minha vida.

Ao meu avô Ayrton por ter me apoiado e apesar de ter tido momentos difíceis para enfrentar e superar, sempre se mostrou interessado na minha formação. Também sou grata aos meus pais, Adenise e Washington, por acreditarem na minha vitória e no apoio desde o momento em que eu decidi ser psicóloga. Assim, como o meu irmão Leandro por estar sempre ao meu lado e acreditando no meu sucesso, sendo que muitas vezes incentivava os meus estudos e carreira profissional.

Sem esquecer também dos meus tios, tanto maternos como paternos, por compreenderem a minha ausência nesses anos e confiarem em mim, compartilhando das minhas vitórias ao longo desses anos.

Há ainda os primos e os amigos que me deram força para enfrentar esses longos anos, que acabaram sendo mais leves por estarem em suas companhias e permitindo a diversão.

Agradeço aos professores do curso psicologia PUC-SP e a orientadora Noely, também às amizades construídas ao longo desses cinco anos, que eu espero que eu possa levar para o resto da vida.

RESUMO

Este presente trabalho tem como principal objetivo a compreensão de um dos temas mais frequentes na mídia: homens que violentam suas ex-companheiras após o término do relacionamento. Assim, através da Psicologia Analítica procurei responder sobre os mecanismos envolvidos nessa questão, mais especificamente, apresentando os conceitos anima/animus, sombra e individuação, relacionando-os com o rompimento amoroso e com os aspectos que são mobilizados no homem no término do relacionamento e, por fim, o que o leva a práticas violentas contra suas ex-companheiras.

O trabalho permitiu verificar que os aspectos psicológicos envolvidos no comportamento violento masculino são, predominantemente, os que envolvem ameaça ao poder sobre o relacionamento e a repressão dos componentes femininos da psique.

Palavras-chaves: crime passional, separação amorosa, ciúme, relações homem-mulher e violência contra a mulher.

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO p.01
- MÉTODO p.03
- 1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO p.04
- 2. ASPECTOS ARQUETÍPICOS DO RELACIONAMENTO AMOROSO p.10
- 3. ABORDAGEM ANALÍTICA DO CIÚME, O DA TRAIÇÃO
E DA SEPARAÇÃO p.16
- 4. CIÚME MASCULINO E COMPORTAMENTO VIOLENTO p.24
- 4.1 CIÚME MASCULINO E CIÚME PATOLÓGICO p. 28
- 4.2 COMPORTAMENTO VIOLENTO p.31
- 5. ILUSTRAÇÕES SOBRE HISTÓRIAS DE RELACIONAMENTOS CONFLITUOSOS p.35
- 5.1 CASOS NA ATUALIDADE p.36
- 5.2 CASOS NA LITERATURA: “DOM CASMURRO” E “OTELLO” p.40
- 5.3. CASO NO CINEMA: “O CIÚME, O INFERNO DO AMOR POSSESSIVO” p.43
- 5.4. CASO NA MITOLOGIA: “O MITO DE HEFESTO” p.43
- 6. DISCUSSÃO p.44
- 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS p.49
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS p.53

INTRODUÇÃO

As relações humanas estão presentes desde o nosso nascimento, começando com o vínculo mãe-bebê, fazendo desse vínculo uma peça fundamental para entendermos posteriormente alguns comportamentos que o adulto desenvolverá.

Sabemos que o tema das relações humanas é de interesse tanto para estudiosos como para leigos, pois assim como os estudiosos querem entender a dinâmica que se dá nos relacionamentos, os leigos também querem compreender e a partir disso aplicar na sua vida pessoal.

Atualmente, dentre outras relações, como de irmãos, pais, o relacionamento amoroso destaca-se entre os mais conflituosos e com várias demandas a serem analisadas. Neste trabalho, o foco está numa dessas demandas: a não aceitação do término do relacionamento amoroso.

No decorrer da minha vida sempre estive ligada com esse tema, desde a separação dos meus pais, a queixa dos meus familiares na busca de "alguém ideal", pessoas que ingressaram em novos relacionamentos após o término do outro, entre outros. O que me levou a estudar esse tema foi a grande ocorrência de casos expostos na mídia sobre homens que praticaram algum tipo de violência contra suas companheiras ou ex - companheiras por ciúmes, o desejo de reatar o namoro ou casamento, ou seja, tudo isso nos leva a identificar uma não aceitação do fim do relacionamento e também a não aceitação da posição das companheiras ou ex-companheiras.

Para focar mais esse presente trabalho, fiz um curso de psicologia jurídica em que o tema veio a coincidir com o proposto tema, que foi o crime passionai. Na concepção jurídica o termo é utilizado para derivar um ato cometido por paixão. Complementando com a especificação encontrada num dicionário jurídico: "crime passionai é o que se faz, por uma exaltação ou irreflexão, consequente de um desmedido amor à mulher ou de contrariedade a desejos insopitados". Eluf (2009)

Como exposto no livro "A paixão no banco dos réus", a paixão que move a conduta criminosa não resulta do amor, mas sim do ódio, da possessividade, do

ciúme ignóbil, da busca da vingança, do sentimento de frustração aliado à prepotência, da mistura de desejo sexual frustrado com rancor.

Um dos meus questionamentos iniciais foi o porquê falar especificamente dos homens, será que eu estaria tendo uma postura sexista? Quando eu li uma citação do prefácio do livro “A paixão no banco dos réus” da procuradora de justiça do Ministério Público de São Paulo, Luiza Nagib Eluf, é que pude ter a certeza que eu estava planejando o caminho certo:

“... Certa vez, escrevi para o jornal Folha de S. Paulo, um artigo intitulado ‘Homens que matam’, sobre o assassinato de mulheres por seus companheiros ou ex-companheiros. Não escrevi para os jornais sobre mulheres que matam porque as mulheres, geralmente, não matam. Existem casos, mas são raros. Mulheres são menos afetivas à violência física. A história da humanidade registra poucos casos de esposas ou amantes que mataram por se sentirem traídas ou desprezadas. O crime passional costuma ser uma reação daquele que se sente ‘possuidor’ da vítima. O sentimento de posse, por sua vez, decorre não apenas do relacionamento sexual, mas também do fator econômico. O homem, em geral, sustenta a mulher, o que lhe dá a sensação de tê-la ‘comprado’. Por isso, quando se vê contrariado, repellido ou traído, acha-se no direito de matar”. (Eluf, 2003, p. 05)

Assim, tal trabalho apresentará uma compreensão desse fenômeno acerca da psicologia analítica, por estudar o desenvolvimento do ser humano rumo ao si mesmo, ou seja, a trajetória percorrida por indivíduos durante o processo de individuação. E, mais especificamente, o conceito de persona e sombra, que farão uma sintonia com alguns aspectos do homicida passional e também a compreensão de alguns mecanismos presentes no fim de uma relação amorosa.

E por fim, a importância desse tema para a psicologia está na possibilidade de uma nova compreensão acerca de um fenômeno que está fortemente presente na contemporaneidade, exposto na mídia e ajudando-nos a compreender quais os recursos que esses indivíduos possuem na assimilação do fim do relacionamento

amoroso e o que os levam a expressarem em atos violentos, sendo que a maioria desses indivíduos não apresentam tendências para a criminalidade.

MÉTODO

Essa pesquisa é de caráter teórico, pois o principal objetivo é responder à pergunta/tema sob a visão de uma determinada teoria, sendo, nesse caso, a psicologia analítica.

Através do uso de alguns conceitos da teoria, realizamos uma leitura do fenômeno da violência masculina através do método da amplificação, ou seja, buscando paralelos em outros contextos históricos-culturais. Buscamos possíveis sentidos para este comportamento através do entendimento dos aspectos sombrios e dos complexos ativados no homem frente ao rompimento amoroso.

Fizemos inicialmente um levantamento bibliográfico buscando material que nos dessem elementos iniciais para situar a questão. (cap. 1)

Depois, desenvolvemos os seguintes capítulos teóricos:

2. Aspectos arquetípicos do relacionamento amoroso

3. Abordagem analítica do ciúme, da traição e da separação

4. Ciúme masculino e comportamento violento:

4.1. Ciúme masculino e Ciúme Patológico

4.2. Comportamento Violento

5. Ilustrações sobre histórias de relacionamentos conflituosos:

5.1. Casos na atualidade

5.2. Casos na Literatura: “Dom Casmurro” e “Otelo”

5.3. Casos no cinema: “Ciúme, o inferno do amor possessivo”

5.4. Caso na Mitologia: “O mito de Hefesto”

6. Discussão

7. Considerações Finais

1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Esse capítulo é dedicado a um levantamento de pesquisa que tem como objetivo a busca de artigos, teses, doutorados que tenham o tema proposto nesse trabalho como tema principal ou aspectos relevantes que coincidam com ele, sendo pesquisado por meio da internet com as seguintes palavras-chave:

Relacionamento conjugal, ciúme, normal e patológico, amor, infidelidade, relações homem-mulher, separação amorosa, perda, dor, homicídio, crime passional, violência doméstica, psicologia analítica, cultura patriarcal, violência contra a mulher.

O primeiro artigo pesquisado foi “vivência psicológica do relacionamento conjugal: a posição de Jung”, e teve como objetivo discutir e analisar as questões subjetivas que permeiam o relacionamento conjugal e a questão do ciúme sob a ótica junguiana. E para contextualizar foi buscado conceituar, de forma ampla, os arquétipos Anima e Animus, referindo-se à instituição casamento nos dias atuais.

Considerando os dados levantados neste artigo, é possível concluir, em primeiro lugar, que as relações conjugais são diretamente influenciadas pelas experiências dos indivíduos, principalmente, por suas experiências afetivo-emocionais. O casamento, ou qualquer que seja o tipo de união conjugal, tem a função fundamental de levar o indivíduo a perceber-se, a tornar-se um si mesmo. É nessa relação psicológica que o indivíduo poderá perceber e experienciar conteúdos indesejáveis, lançados à sombra, que necessariamente precisam ser compreendidos para que o indivíduo consiga alcançar o desenvolvimento psíquico e, conseqüentemente, ser feliz.

Uma relação sadia e harmoniosa se configura quando dois indivíduos permitem um ao outro viver suas próprias vidas, mas, ainda, sentem que têm muito em comum, que precisam um do outro, que se compreendem mutuamente, cada um desejando o melhor para o outro e não o que é do outro. É preciso coragem para

enfrentar diretamente os próprios estados emocionais e dialogar com eles; e aí que repousa a chave da integridade pessoal.

Num outro artigo, “Ciúme: normal ou doentio?” foi elaborado um estudo teórico-prático sobre o ciúme normal e patológico, tendo como objetivo identificar as características do ciúme normal e do patológico em pessoas a partir de 16 anos. A coleta de dados foi realizada com base em questionários que foram aplicados em uma população aleatória. As respostas obtidas foram divididas em duas categorias: pessoas com comportamentos e atitude de ciúme normal e pessoas com comportamentos e atitudes de ciúme patológico. Com base na análise dos resultados, mais da metade dos participantes desta amostra demonstrou ser pessoas que conseguem lidar com o ciúme como um sentimento normal, sem que este venha a interferir em seus relacionamentos de forma destrutiva.

Também foi encontrado outro artigo com o tema ciúmes, porém, sob outro enfoque: “O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos”. Este estudo pretende discorrer a respeito do ciúme romântico heterossexual, na tentativa de compreender um dos sentimentos mais presentes na vida do ser humano. Mesmo que para muitos o ciúme possa representar uma manifestação de amor, ele é, na verdade, um sentimento que produz angústia em muitos parceiros e pode atingir formas doentias, e abalar a saúde mental. Mas também é inevitável, por que em maior ou menor grau, todos estão sujeitos a ele, o que nos obriga a ficar atentos para saber elaborá-lo em favor de nossa vida amorosa.

Assim, na conclusão deste estudo, pode-se identificar as várias formas de entender o ciúme, esse fenômeno tão complexo, tão repleto de interpretações. Talvez possamos considerar o ciúme não apenas como um sentimento, mas também como uma construção social que abrange vários outros sentimentos como amor, ódio, medo, raiva, orgulho, inveja e que desencadeia idiossincriticamente reações diferentes, reais ou imaginárias, podendo ser ou não acompanhada de outro sentimento: a baixa autoestima.

O ciúme tem uma amplitude e uma profundidade que assinala que algo precisa ser observado em nossos relacionamentos. Não admiti-lo é perder uma

grande oportunidade para a reflexão e, provavelmente para a possível recuperação de um relacionamento que possa estar se esgotando, por conta de uma série de motivos, no qual o principal deles é a convicção distorcida de que sentir ciúme é estar zelando pelo outro.

No artigo “A dor da perda amorosa e a Gestalt-Terapia” fala-se sobre a importância de trabalharmos com o rompimento amoroso na psicoterapia, sendo que o principal objetivo deste artigo é compreender, através do olhar da Gestalt-Terapia, a dor sentida pelo indivíduo acometido pelo fim de seu relacionamento amoroso. Esta separação, para quem vivia uma relação de amor, provoca muitas vezes uma dor que talvez se inscreva entre as mais difíceis de suportar, o que provoca uma ferida narcísica que faz com que o indivíduo se reduza inconsequentemente. Diante desse contexto de sofrimento, a procura por uma psicoterapia surge como uma possibilidade de elaboração, de recuperação ou de reabilitação. Tal estudo se constitui importante para a prática clínica, pois possibilita uma maior compreensão sobre essa experiência da perda amorosa, enquanto grande demanda contemporânea.

Seguindo essa mesma linha de tema “fim de relacionamento amoroso”, encontrei o artigo “Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso”, e o objetivo deste trabalho foi de investigar os sentimentos que predominam após o término de relacionamentos amorosos e as diferenças de intensidade quanto ao gênero, iniciativa de término e duração de relacionamento. Participaram da pesquisa 68 sujeitos, com idades entre 17 e 44 anos, sendo 37 homens e 31 mulheres.

Em um resultado ilustrativo, foi possível perceber que o sofrimento causado pelo término de um relacionamento amoroso independe do tempo de duração do mesmo. Além disso, há uma predominância de atitudes negativas tanto para homens como para mulheres, embora em intensidades diferentes. As mulheres atingiram níveis maiores de atitudes negativas quando comparadas aos homens, mas quando analisadas as atitudes positivas nas mesmas situações, os níveis foram semelhantes para ambos.

Com relação à diferença na intensidade de sofrimento entre homens e mulheres, é interessante considerar o contexto sociocultural em que essas pessoas estão inseridas já que este pode estar interferindo nas respostas dos sujeitos. No caso dos homens, por exemplo, ainda há uma grande cobrança deste contexto, que alimenta a omissão dos sentimentos vinculados aos relacionamentos amorosos. De um modo geral, a separação provoca abalo emotivo tanto em homens como em mulheres, nas diferentes situações.

O artigo “O ciúme patológico e os crimes passionais” buscou decorrer sobre a questão dos crimes passionais e do ciúme doentio, o perfil do assassino passional e tentando compreender o que leva quem ama a matar seu amado. Seguindo uma abordagem psicanalítica, especificamente freudiana, o ciúme é apresentado sob três camadas ou graus: estado emocional normal, projetado ou delirante.

Discorrerei simplificadamente cada uma dessas três camadas, começando com estado emocional normal, que é semelhante ao luto carregado de sofrimento pela perda do objeto amado. Já o ciúme projetado é derivado da infidelidade concreta e está associada no próprio ciumento, com as suas próprias traições como um desejo ou possibilidade de trair o parceiro. O sujeito atribui ao parceiro erótico a própria infidelidade ou os próprios impulsos reprimidos. E por fim, o ciúme delirante que pode ser considerado anormal e doentio, é quando o sujeito sofre constantemente, se vê atormentado com a infidelidade do parceiro, quase sempre sem motivo real, tendo a absoluta certeza de que é traído (a), mesmo que as evidências provem o contrário. O indivíduo vive em função do outro, fantasia constantemente que o outro pode estar com outra pessoa, vivendo em estado de tensão.

E o artigo recorre a uma citação de Eluf (2009) sobre crimes passionais, dizendo que estes crimes são acometidos em razão de relacionamento sexual ou amoroso. Os motivos que movem a conduta criminosa são advindos do ódio, da possessividade, do ciúme, da busca da vingança, do sentimento de frustração aliado à prepotência, da mistura de desejo sexual frustrado com rancor por não suportar a perda de seu objeto de desejo ou para lavar sua honra ultrajada.

E, para finalizar a síntese de tal artigo, colocarei a descrição que eles recorrem de um perfil do homicida passional:

O perfil do passional: é homem geralmente de meia idade (há poucos jovens que cometeram o delito), é ególatra, ciumento e considera a mulher um ser inferior que lhe deve obediência ao mesmo tempo em que a elegeu o problema mais importante de sua vida. Trata-se de pessoa de grande preocupação com sua imagem social e sua respeitabilidade de macho. Emocionalmente é imaturo e descontrolado, presa fácil da idéia fixa. Assimilou os conceitos da sociedade patriarcal de forma completa e sem crítica. (ELUF, 2009 p. 198).

Para encerrar essa exposição de artigos feita através das mais variadas pesquisas levantadas, utilizarei o artigo “ciúme patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana”.

Nesse artigo fala-se bastante sobre as características e emoções mais comumente associados ao ciúme patológico masculino: poder e posse, desejo e domínio sobre o ser amado, amor e rivalidade amorosa, medo da perda, desejo de exclusividade amorosa e sentimento de inferioridade. A não superação do Complexo de Édipo enquanto estrutura, a presença de complexo paterno e/ou materno, a repressão do princípio feminino e o conseqüente desequilíbrio psíquico são fatores associados ao ciúme patológico masculino. Este afeto é encontrado com mais frequência na paranoia. Considera-se a hipótese de que a cultura e os valores patriarcais, se unilaterais, intensificam o ciúme patológico, pois o que se mostra exagerado no ciumento patológico é a necessidade de dominar e controlar quem ele acredita possuir.

Portanto, este trabalho possibilitou uma reflexão sobre as relações existentes entre a cultura patriarcal e o ciúme patológico masculino. O desequilíbrio desta cultura que valoriza excessivamente o masculino em detrimento do feminino certamente afeta as pessoas que vivem neste sistema. Os homens que vivem no patriarcado aprenderam a associar sua própria honra ao comportamento de suas mulheres (companheiras, esposas, filhas) e por isto passaram a vigiá-las e controlá-las, subtraindo-lhes a liberdade.

A sociedade capitalista na qual vivemos também valoriza excessivamente o ter, a competitividade e o poder (características do princípio masculino), o que faz com que, muitas vezes, pessoas sejam tratadas como objetos. Esta mentalidade está tão enraizada na cultura que muitas vezes observamos que a honra e o orgulho se sobrepõem ao amor.

Por fim, através desse levantamento pude ter uma visão mais geral do tema proposto, pois, como mencionei na introdução, fiquei em dúvida se estaria tendo uma postura sexista, mas com os artigos pesquisados percebe-se o porquê dessa posição dos homens serem os alvos, pelas seguintes questões:

- Conceito sexual e de gênero, onde a homem é visto como dominador e a mulher na posição de dominada;
- Conceito social e moral implicado nas instituições de casamento, onde a mulher tem a função de dona de casa, mãe e esposa, não podendo em hipótese alguma colocar em questão a honra do marido;

E, de modo geral, as pesquisas ajudaram a refletir sobre o que está “por trás” dessas atitudes possessivas nos relacionamentos amorosos, pois se deve levar em conta as pessoas e o tipo de experiências que o indivíduo teve na sua infância e/ou adolescência e como ele enfrenta com as possíveis frustrações e perdas que poderá ocorrer no relacionamento amoroso, e que, independente de ser homem ou mulher, o término de relacionamento é um momento repleto de sentimentos, revoltas e frustrações, a diferença está em como irá enfrentar e processar esse acontecimento.

2. ASPECTOS ARQUETÍPICOS DO RELACIONAMENTO AMOROSO

Esse capítulo falará sobre a dinâmica arquetípica do relacionamento amoroso, os sentimentos ativados no início da relação, o modo de lidar com tais sentimentos, a presença do anima/animus, e também o objetivo final dessa vivência, que é o proporcionar uma transformação na vida dos amantes.

Mais adiante retomaremos a essa questão da transformação que o relacionamento amoroso traz aos envolvidos, o que podemos dizer brevemente é que tal transformação está relacionada com a possibilidade de expansão da consciência dos indivíduos, direcionando-os ao processo de individuação. Nesse conceito está a ideia de que a vivência amorosa mostra-nos a direção para o nosso caminho pessoal, onde podem ser elevados os níveis de nossa consciência.

Sinteticamente, explicarei a dinâmica do processo de individuação, visto na Psicologia Analítica. Tal dinâmica ocorre a todo o momento de nossas vidas, podendo ter maior evidência no momento em que há um conflito na psique.

Esse conflito se refere a uma tensão de elementos opostos, basicamente envolvendo o consciente e o inconsciente.

Assim, na esfera consciente temos a persona, que corresponde a uma necessidade de nos moldarmos perante o que for melhor e aceito na sociedade e/ou conduta moral, tendo uma função dual, visando um melhor relacionamento e adaptação em relação aos objetos na sociedade e assim proteger o sujeito.

Já na esfera inconsciente temos a sombra que está relacionada com o inconsciente da personalidade, são qualidades ou atributos que não foram aceitos pela consciência do ego, ou seja, é o contrário do ego.

Assim, tal conflito proporciona à psique uma possibilidade de ocorrer um desenvolvimento psicológico (individuação), tendo como objetivo a auto regulação, que visa a um equilíbrio entre os conteúdos inconscientes e conscientes na psique.

A relação amorosa é um fator potencializador do processo de individuação.

Cada relação amorosa é vivenciada de modo único, mas os aspectos que a compõem são, na verdade, vivência universal, não importando a cultura em que se

está inserido, e um deles é o sentimento de que os amantes são pegos de surpresa. Muitas vezes, os amantes são despertados para essa vivência mobilizadora quando percebem coincidências, melhor dizendo, eventos sincronísticos, envolvidos no encontro entre os amantes, sem ter uma razão causal.

Esses eventos sincronísticos ocorrem sem haver uma premeditação do Ego, ou seja, vão além de probabilidade de acasos sob a regência do inconsciente através de seus conteúdos ativados. Tais eventos também são vivenciados no encontro do casal, pois aquele encontro e a atração sentida imediatamente pelas duas pessoas levam a pensar que ambos tinham que viver algo em comum e dessa forma se atribui um sentido ao fato da inevitabilidade sugerida por esse encontro.

No início de um relacionamento amoroso, os sentimentos e emoções são intensificados, podendo se deparar com sentimentos de que a pessoa não tinha conhecimento. Isso nos explica que essa é uma questão que vai além da vontade do Ego, pois a pessoa fica numa posição de descontrole, não conseguindo bloquear reações, sentimentos, emoções indesejáveis.

Dessa forma, o Amor se configura ao mesmo tempo num sentimento único e inevitável como também uma forma de medir os limites do indivíduo, e tais limites serão testados através dos empecilhos encontrados no relacionamento amoroso.

Voltando à questão de que alguns aspectos da relação amorosa são vivenciados da mesma forma independente da idade, sexo, cultura, entre outros, está a demanda do tempo. Este se relaciona com a famosa frase que costumamos ouvir dos amantes: “o tempo voa quando estou ao seu lado”, e nisso está inserido o ponto de que, para todos aqueles sentimentos, emoções, expectativas vivenciadas na relação, o tempo objetivo é irrelevante. Ou seja, quando tais sentimentos são apoiados e sustentados pelo nível arquetípico da existência, apresentam-se numa fluência própria do tempo.

E quanto à questão “o tempo voa quando estou ao seu lado” nos remete a um tempo subjetivo, induzindo a chamada eternidade, onde todos os fatos vivenciados sob a energia arquetípica tornam-se o averso do tempo linear. Há também a expressão do tempo passado em relação ao presente dos amantes, ou seja, quando há aquela sensação de que, por mais que a pessoa tenha acabado de conhecer a

outra, “parece que nos conhecemos há anos”. Isso tudo remete ao fato de que para o Amor não há uma maior percepção do tempo cronológico e sim no tempo subjetivo despertado por essa magia.

Sintetizaremos os itens ativados primordialmente na dinâmica amorosa, dentre eles:

- Descoberta mútua:

Esse item corresponde ao fato das famosas “coincidências” presenciadas pelo casal, onde o casal se encontra no lugar e momento exato, sendo que possuem as mesmas expectativas e intenções. Porém, essas coincidências são banais perto do pressentimento que cada alma humana carrega em si, e nela encontra-se a representação do parceiro amoroso. Essas coincidências nada mais são do que uma sensação subjetiva, levando os amantes a crerem que aquele seu encontro estava fadado a acontecer.

- Sentimentos de contentamento e/ou encantamento:

São os elementos compartilhados entre os amantes, ou seja, quando há uma correspondência entre seus gostos, ideias, desejos, viagens, etc. E tal sentimento leva a crer que ambos encontraram o amor de suas vidas, além de ter ocorrido um encontro sincrônico, há também uma correlação entre seus modos de ser e viver.

- Expectativa do futuro:

Após todo esse envolvimento sob a esfera do encantamento, o casal fica diante a terrível questão: “o que a relação trará a suas vidas” e, nesse momento, há uma instalação de sentimentos ambivalentes, ora otimistas e esperançosos e ora duvidosos e frustrantes.

A partir desse último item levantado, podemos concluir que após aquela vivência única e inesperada, nos defrontamos com o desconhecido e é através dele que o amor será intensificado, ou seja, o contato com a outra pessoa sempre nos deixará a desejar, nunca estaremos satisfeitos plenamente. Ao contrário disso, se o casal tivesse conhecimento total um do outro, se possuíssem o objeto amado a todo instante, o sentimento único e inevitável que os envolve estaria perdido, pois os

remeteriam ao singular e sem essa conexão com o desconhecido, perder-se-ia o elemento mágico envolvente em toda dinâmica amorosa.

Dois princípios arquetípicos opostos – Eros e Logos – estão sempre presentes nos relacionamentos, ora mais polarizados ora mais integrados.

Eros preside as relações, o envolvimento; Logos preside a diferenciação, o (des) envolvimento.

Num relacionamento, um dos amantes quer estar sempre junto à pessoa, desde o momento que a conheceu, acreditando que para sua realização pessoal será preciso ter essa pessoa ligada a ela. Assim, esse companheiro representa o Eros, que está relacionado com o princípio da união. Já o outro amante age através da razão, agindo com cautela e pensando nas consequências de seus atos e, para esse amante, o que está em jogo é Logos, que representa a lei do raciocínio. Deste modo, o relacionamento se encontra sob essa polarização de desejos e atitudes que, por fim, se complementam.

Esses princípios comentados acima se encontram no psiquismo do ser humano, porém, Eros tem maior prevalência nas mulheres e Logos nos homens.

Após o encantamento inicial que o amor desperta, por exemplo, deixar os apaixonados mais bonitos e amáveis, ele começa a seguir outro rumo, onde despontam desejos e expectativas diferentes em ambos, através dos princípios encontrados nos psiquismos de cada sexo (masculino e feminino). Assim, os apaixonados querem que esse encantamento seja perpétuo, e, no ponto de vista deles, para que isso ocorra seria preciso se apossar do outro, sem levar em conta a sua subjetividade.

Segundo a Psicologia Analítica, a união do casal é uma verdadeira vivência arquetípica. Tal união é presidida pelos princípios de Logos e Eros. Uma das possibilidades de regularização amorosa é o casamento, que tem como objetivo a concretização do Amor evidenciado nos apaixonados.

Quando a pessoa pensa que o objeto amado lhe pertence e que não haverá sofrimento, distância, ausências, inevitavelmente toda essa autoconfiança é abalada. Exige um ego suficientemente forte para conseguir elaborar a condição de

que o Outro tem sua própria singularidade e não está aqui para atender as exigências do parceiro.

Observando as influências de gênero nas expectativas amorosas, notamos que mesmo tendo confrontado com a realidade acima em todas as suas relações amorosas anteriores, constata-se na mulher a repetição do padrão de busca do “príncipe encantado”, alguém que lhe trará a felicidade completa e que a tornará inteira, e que a partir dessa pessoa, sua vida terá todos os sentidos. E geralmente esse ideal vem acompanhado do sonhado casamento, e caso o seu relacionamento não tenha esse desfecho, será a pior vivência que já teve, deixando-a num vazio absoluto.

No livro “O Projeto Éden – A busca do Outro Mágico”, o autor James Hollis (2002) desenvolve o conceito de que em todas as relações amorosas há uma tentativa de voltar ao passado, no sentido de voltar para o que era seguro, estável e desejado. Assim, o amante projeta no outro essa ideia do perfeito, do lugar mágico, confiando plenamente que ele proporcionará esse momento, entretanto, em algum instante ele verá que suas expectativas serão frustradas e que tal pessoa não poderá viabilizar esse desejo, deixando-o numa posição vulnerável e privado de cuidado e acolhimento.

Foi citado anteriormente sobre a sensação de que quando nos apaixonamos, parece que conhecemos a pessoa há tempos e também que se tem aquela sensação de que tudo é predestinado: “a pessoa certa, no lugar certo e no momento certo”. Mas, conforme o autor James Hollis (2002) diz em seu livro, as nossas escolhas tem uma “bússola orientadora” e esta é direcionada através dos nossos complexos.

Os complexos, segundo a teoria da psicologia junguiana, referem-se aqueles conteúdos que de certa forma foram reprimidos da consciência por terem sentimentos, pensamentos e/ou lembranças carregados de forte potencial afetivo, sendo incabível permanecer na consciência.

Assim, o que o autor James Hollis quis dizer é que as nossas escolhas amorosas estão de certa maneira relacionadas a essas lembranças e sentimentos que já foram vivenciados um dia, e que por conter conteúdos de uma intensa carga

emocional foram deslocadas para o inconsciente.

A partir do esboço feito até o momento sobre concepção do Amor, podemos dizer que a vivência amorosa percorre três etapas definidas:

A primeira seria o encantamento, o apaixonar-se pelo Outro;

A segunda etapa fica estabelecida a dependência que o amante tem sobre o outro, projetando sobre ele as suas necessidades e desejos;

Por fim, a terceira etapa refere-se à concretização desse Amor, onde o casamento seria uma das possibilidades.

Deste modo, fazendo uma análise sobre o Amor pela Psicologia Analítica, diria que é uma oportunidade de experimentar o transcendental, algo que escapa de nossas ações e atitudes, uma forma de nos livrar da unilateralidade do Ego, possibilitando a vivência do processo de individuação, que ao invés de pensar no Amor como um recurso apenas a ser experimentado somente pelo casal, há também a questão do individual, onde há uma oportunidade de expansão da consciência (integração dos conteúdos inconscientes) que é feita através das integrações de aspectos constelados pelo encontro com o amado.

3. ABORDAGEM ANALÍTICA DO CIÚME, O DA TRAIÇÃO E DA SEPARAÇÃO

No primeiro capítulo foi abordado sobre o relacionamento amoroso de modo geral, assim como a sua função e finalidade de acordo com a psicologia analítica. Neste capítulo serão abordados alguns aspectos do relacionamento como o ciúme, traição e separação. Ou seja, sairemos de uma visão mais global para especificar o tema do trabalho, que é sobre a não aceitação do término de um relacionamento amoroso.

O relacionamento amoroso tem como principal finalidade possibilitar aos amantes o autoconhecimento, porém, para que isso aconteça é preciso estar livre de dogmas e conceitos empregados pela sociedade patriarcal. Tal sociedade valoriza sempre a atuação do homem como provedor, racional, reprimindo assim seus sentimentos e emoções. Por outro lado, as mulheres sempre tiveram seus desejos reprimidos, e seu papel na sociedade era apenas de “donas do lar” e sua atividade sexual era diretamente ligada à reprodução, excluindo o prazer sexual.

Da mesma forma que foram valorizados os aspectos do masculino e reprimidos os aspectos do feminino na cultura, o mesmo ocorreu na psique, pois como já foi falado no capítulo anterior, o homem possui aspectos femininos no inconsciente (anima) enquanto a mulher possui aspectos masculinos no inconsciente (animus). Assim, com a repressão do feminino na sociedade patriarcal, houve uma repressão no nível da psique, ocorrendo um dano grave, o desequilíbrio psíquico.

Na atualidade estamos vivenciando o declínio desses dogmas instaurados pela sociedade patriarcal, podendo ser acompanhado através da ascensão das mulheres no mercado de trabalho, existindo até a inversão dos papéis, onde o homem fica em casa com os afazeres domésticos enquanto a mulher vai para o trabalho em busca do sustento.

Há também a busca pelo Feminino tanto pelos homens como pelas mulheres, antes reprimido na sociedade patriarcal. Cabe ressaltar que o feminino aqui não está relacionado com a questão de gênero e sim aos aspectos psíquicos. Referindo a esse tema, temos o livro *Amar Trair* (Carotenuto, 2004), especificamente no capítulo: “ União de duas solidões”:

“As instâncias psíquicas, que Jung chama animus e anima, representam respectivamente os aspectos heterossexuais inconscientes da psique feminina e masculina, aspectos que, por serem inconscientes, não são experimentados a não ser através do reconhecimento das projeções, ou seja, o homem pode tornar-se consciente de sua anima através do reconhecimento de sua projeção sobre uma mulher real”.

Isso também nos remete à escolha do parceiro amoroso, pois quanto menos o indivíduo for consciente mais a sua escolha será permeada por conteúdos inconscientes e não ocorre a consciência das instâncias psíquicas antes da união com o parceiro amoroso: *“... a união se dá antes que nos tornemos cômicos da dimensão projetiva, o que naturalmente complica, quando não possibilita, o trabalhoso processo de conhecimento de nós próprios e do outro”.* (pág. 104)

Essa nova realidade é incompatível com os conceitos tradicionais patriarcais, obrigando a uma profunda mudança de paradigma. Através dessa mudança, os relacionamentos amorosos também são afetados e um dos exemplos é o número de aumento dos divórcios. Ou seja, antigamente predominava o ideal de um relacionamento longo, onde se exigia o sacrifício de ideais e sentimentos individuais, em prol da permanência da relação. Atualmente, o casal analisa se a relação realmente está sendo satisfatória para ambos, se corresponde aos seus desejos pessoais e sexuais, valendo tanto para os homens como para as mulheres.

Assim, há uma decadência dos valores ligados à instituição do casamento, privilegiando os interesses individuais ao invés dos conjugais. Contudo, mesmo com essa mudança há uma coisa que permanece a mesma: a busca pelo Outro ideal, que preencha todas as nossas lacunas, e que dê sentido ao nosso existir.

Mesmo sabendo reconhecer a nossa individualidade, a concepção do Amor Romântico ainda está fortemente arraigada em nossa cultura, aonde nós vivemos em busca daquele parceiro ideal que corresponda à nossa imaginação, sem nos dar conta que, no relacionamento, estão presentes “duas individualidades” (a nossa e a do outro) e o Outro não está na relação apenas para suprir nossos desejos, junto

dele vêm suas próprias expectativas, sentimentos, idealizações que ele também espera ver atendidos.

No capítulo “Amor: expectativas e desilusão” do livro “É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?” (Moraes, 2005), encontramos um excelente esboço sobre as fases do relacionamento amoroso:

A primeira fase descrita corresponde a paixão, ou seja, o estágio inicial do relacionamento, e essa fase faz com que acreditamos que encontramos a pessoa certa, a nossa alma gêmea, e tudo isso se refere ao fato de projetarmos sobre o Outro a nossa própria expectativa, sentimentos, medos, enfim, depositamos o nosso “EU”. Assim, no decorrer do tempo, o Outro tem duas opções, a primeira é de acolher aquela projeção ou de nos frustrar, saindo da carapaça de nossa projeção, tornando-se ele mesmo.

Digamos que a primeira opção não é a recomendada, pois se estamos numa relação cujo objetivo é de integrar aspectos inconscientes na consciência favorecendo o seu alargamento, onde a finalidade é o autoconhecimento, é necessário que possamos reconhecer que o Outro não é aquilo que imaginávamos.

Frustrando nossas expectativas, o parceiro torna-se nosso coadjuvante na busca do autoconhecimento, pois se permanecesse na posição a ele atribuída por nossas projeções, não teríamos a chance de perceber que aquilo que foi projetado era nosso e que para que o relacionamento sobreviva é preciso se relacionar com o Outro em todos os sentidos, um ser diferente de nós e que apresenta outros sentimentos, medos, anseios, etc.

Após esse breve histórico sobre o relacionamento amoroso na sociedade patriarcal, levarei a discussão a partir de três instâncias: traição, ciúme e separação.

A primeira podemos dizer que está diretamente ligada a seu significado etimológico. O significado da palavra traição pode ter conotações diferentes, como podemos notar a partir do “Dicionário Michaelis”:

“TRAIR: (lat tradere) vtd 1. Enganar por traição; atraiçoar. vtd 2. Abandonar ou entregar traiçoeiramente. vint 3. Cometer traição. vtd 4. Ser infiel a. vtd 5. Deixar de cumprir. vtd 6. Delatar,

denunciar, descobrir revelar. vtd e vpr 7. Dar a conhecer por acaso ou por imprudência”.

Assim, através dessa citação podemos ver que a maioria de seus significados se refere à traição como enganação, trair o outro, porém, no item 6 percebe que se trata de informação, conhecimento, transmissão de informação, ou seja, a palavra “trair” tem outros sentidos além do significado de engano e de ser infiel com o outro.

Discorrendo sobre a traição nos relacionamentos amorosos, a traição começa desde que o ser amado se torna Outro, diferente de nós, melhor dizendo, a traição ocorre desde que o Outro não corresponda às nossas expectativas, quebrando a ilusão do ser perfeito.

Quando descobrimos a traição do parceiro seja por ter ficado com outra pessoa ou por fazermos enxergar o Outro como realmente é, temos duas possibilidades, uma seria de enfrentar aquilo como real e nos darmos conta de que não existe perfeição absoluta, aceitando os aspectos sombrios que existem em nós e nos outros, favorecendo a ampliação da consciência, trazendo como recompensa o autoconhecimento.

Já a outra possibilidade seria vivenciarmos a traição como negação, seja permanecendo o parceiro como uma imagem ideal, acreditando que não seria capaz de fazer aquilo, ou então se antes era “tudo de bom” passa a ser “tudo de ruim”, atentando-se apenas a seus defeitos.

Há também a questão da vingança, onde se deseja fazer tão mal quanto o que o parceiro lhe fez, ou então a desilusão de qualquer relacionamento, desacreditando nas pessoas, os famosos ditados *“todos são iguais”, “cuidado que uma vez que traiu acontecerá outras vezes”*.

A traição pode ser elaborada no relacionamento, exigindo que ambos reflitam sobre o ocorrido, qual a importância daquele fato e qual a sua contribuição para o relacionamento. Pois não necessariamente a pessoa trai por não amar mais o parceiro, embora essa seja a principal afirmação que o parceiro traído adota: “eu não estava correspondendo às suas expectativas”, “faltava algo no nosso relacionamento”, entre outras.

Mais do que isso, a traição pode até se apresentar num modo de “solução” para o relacionamento, podendo servir como resgate de suas próprias individualidades, ou seja, quando a relação é baseada na fusão das identidades, não conseguindo mais estabelecer limites entre o eu e o outro, a traição pode fazer com que compreendam a necessidade dessa ligação e quais são as motivações internas que dão suporte a ela.

Porém, há casos em que a traição realmente está relacionada com o declínio da relação, não tendo mais condição de resgatar o que fora um dia. Por isso, é preciso que haja esse momento de reflexão, para que nenhum dos parceiros tome uma decisão precipitada, levando em conta apenas sua frustração frente ao ocorrido.

Em relação ao ciúme podemos dizer que está relacionado com o sentimento de Poder sobre o Outro, ou seja, não o vê como um ser individual que possui suas próprias características e desejos, e sim como alguém que está numa posição de preencher todos os nossos vazios, de oferecer segurança e estabilidade emocional, alguém que supre nossas necessidades sem ao menos precisarmos mencionar o desejo, pois está pronto para atendê-lo de imediato.

Essa postura de Poder sobre o outro se apóia numa reminiscência da infância onde a mãe estava sempre pronta para atender as nossas necessidades e podíamos contar com ela a qualquer hora do dia, pois tínhamos a certeza que ela iria nos satisfazer e evitar qualquer tipo de frustração.

Desse modo, depositamos sobre o Outro esse anseio de querer voltar a esse tempo, onde tudo era resolvido sem que precisássemos nos frustrar, e querer voltar a esse estágio é na verdade uma imaturidade por parte do indivíduo que não consegue “andar com seus próprios pés” e que sempre quer contar com um apoio, com alguém que vai socorrê-lo quando surgir algum imprevisto.

Contudo, mais uma vez estamos projetando no Outro os nossos anseios, medos e desejos, a nossa vontade de recuperar aquilo que foi perdido. E o ciúme está integrado nesse aspecto, onde a pessoa não suporta ver o amado dedicando-se a outras coisas além dela, fazendo despedaçar seu mundo imaginário, onde a pessoa seria o centro do universo do amado.

O livro *Amar Trair* (Carotenuto, 2004), faz uma interessante alusão à “raízes” do ciúme, ressaltando que tal sentimento tem maior domínio na traição:

“Inexoravelmente o ciúme aflora na cena tumultuosa da traição. É sentimento que abole toda lógica e racionalidade e que tem antecedentes vividos e sofridos por cada um de nós nas experiências imediatamente posteriores ao nascimento, quando vemos que o primeiro objeto de amor já pertence a outro e logo estamos empenhados em uma luta com o pai, para assegurar-nos o amor materno”.

Também podemos perceber nas relações que junto ao ciúme vêm as suspeitas de traição, podendo se tomar um rumo obsessivo, e com a instauração da suspeita buscamos por pistas que nos levem a comprovação da traição, podendo levar à suspeitas imaginárias, mas que no momento não temos a capacidade de analisá-las como concretas ou não, *“ficando emotivamente impotentes, desautorizados, incapazes e tomados pela suspeita”* (pág 139).

Por outro lado, podemos dizer que a pessoa ciumenta, que está sempre levantando hipóteses e suspeitando do seu parceiro, não o faz sem fundamentos por mais que não tenha uma prova externa. E, além disso, tal pessoa que vive acusando seu parceiro de traição pode estar projetando a sua vontade de trair, ou seja, há um desejo inconsciente de traição sustentando essa fantasia. Como diz no próprio livro: *“Teme a traição principalmente porque a deseja”.* (pág. 140)

E, por fim, em relação à separação há duas hipóteses que podemos discorrer, uma é similar ao sentimento que é vivenciado na traição, onde a pessoa sente-se frustrada por seu parceiro tê-la traído, ficando com a sensação de que não fez tudo que deveria ter feito, que poderia se empenhar mais para agradar o seu amado, sentir-se culpada por ter ocorrido à traição, enfim, na separação ocorre a mesma coisa, o indivíduo se sente fracassado perante o término do relacionamento, despertando todo os sentimentos mencionados acima.

A outra hipótese se deve a ideologia do Amor Romântico e a sua conseqüente durabilidade, ou seja, a crença de que um verdadeiro amor dure para todo o sempre, então todo o relacionamento que foge desse padrão torna-se

negativo, levando os amantes a assumirem como fracasso não conseguir manter a relação.

Há também a hipótese arquetípica que considera qualquer separação como sentimento remoto vivenciado nos primórdios de nossa existência, ou seja, a pessoa tem necessidade de estar junto a alguém para recuperar esse momento extraído, e na tentativa dessa busca ininterrupta acaba se deparando com outros tipos de “separações”, inclusive as de relações amorosas. Tais relações propiciam ao casal o desejo de “pertencimento” de um ao outro e, quando se vêem violados desse pacto, revivem as cicatrizes da separação primordial.

Segundo o descrito no Amar Trair (Carotenuto, 2004) podemos dizer que:

“Se o matrimônio representa apenas o expediente mágico para a negação da realidade da separação ou da realidade da diferença radical que nos constitui como indivíduos, nunca abrigará uma relação psicológica. Cada um de nós foi arrancado e expulso violentamente de uma condição paradisíaca originária, e toda a nossa vida se passa na tentativa de sanar essa ruptura, saneamento que se dá através da profundíssima passionalidade que nos faz dizer ‘tu me pertences’, levando-nos inconscientemente a empregar uma linguagem, por assim dizer, ‘bélica, linguagem que conota toda a intensidade de nosso desejo’.” (pág 110)

Antes de encerrar esse capítulo gostaria de fazer um adendo ao tema proposto, que se refere especificamente ao universo masculino, pois em muitos casos podemos ver que tal homem praticou algum tipo de violência contra sua ex-companheira por não aceitar uma traição ou até mesmo o término de relacionamento, e o livro Amar Trair (Carotenuto, 2004) faz uma suposição sobre o porquê desse tipo de atitude encontrada mais nos homens do que nas mulheres:

“E também todas as mulheres, o que dizem, dizem duplamente, por que sempre tem uma coisa no coração e outra nas palavras. Porque nenhum homem poderia ter tanta familiaridade com a mulher ou ser tão amado por ela que pudesse saber seus pensamentos ou conhecer o que ela diz. Porque a mulher não confia em nenhum amigo e pensa que todos a enganam; por isso ela está sempre enganando...” (pág. 112).

Assim, a ideia do autor é que a mulher traz consigo mesmo um aspecto “traíçoeiro” e, compensatoriamente falando, o homem teme exatamente a traição feminina.

4. CIÚME MASCULINO E COMPORTAMENTO VIOLENTO

Nesse capítulo abordaremos o comportamento masculino dando uma ênfase ao ciúme patológico, por ser um dos principais motivos dos homens cometerem algum tipo de agressão à sua companheira ou ex-companheira. E também, como falaremos sobre agressão, abordaremos o comportamento violento segundo a psicologia analítica.

Primeiramente falaremos sobre os estágios de evolução masculina à sua integridade, ou melhor, dizendo, o encontro do homem consigo mesmo. E para isso, tem-se como base o livro “He – A chave do entendimento da psicologia masculina” de Robert Johnson (2006).

Basicamente é na adolescência que o garoto tem a percepção de que “nem tudo é como queria ou desejava”, é a fase “expulsão do Jardim do Éden” quando nos damos conta que nem tudo é a nosso favor e que não somos o centro do mundo onde todos os nossos desejos são realizados sem muito esforço, a partir do outro, que nesse caso é a mãe. Tal expulsão é concretizada a partir da experiência de alienação e do sofrimento, ambos vão ajudar o jovem no início do processo de conscientização.

Antes de nos aprofundarmos nesses estágios evolutivos da masculinidade, descreverei brevemente o que o livro expõe:

“... potencialmente existem três estágios no desenvolvimento psicológico do homem. O padrão arquetípico é aquele em que um ser passa da perfeição inconsciente da infância para a imperfeição consciente da meia-idade para, depois atingir a perfeição consciente da velhice”. (pág. 17)

A trajetória descrita acima, passando pela infância, meia-idade e velhice, é marcada por diversas sensações, como exemplo. quando se encontra no ciclo juvenil, há uma noção de que o mundo interior e exterior estão unidos e conforme vai caminhando à meia-idade há uma sensação diferente, é aquela percepção de separação e diferenciação entre esses dois mundos conforme vistos unidos anteriormente. E na velhice há o momento “iluminação” quando é constatada essa

dualidade, mas ao mesmo tempo ocorre uma reconciliação do interior com o exterior.

Como já foi falado, durante o processo de conscientização há muito sofrimento, sensação persecutória de injustiça e falta de plenitude e a saída para encontrar a cura desse sofrimento é:

“Para realmente sarar ele precisará permitir a entrada em seu consciente de algo completamente diferente dele mesmo, para que algo venha a mudá-lo”. (...) “É necessário que o homem aceite olhar seu lado inocente, tolo, adolescente, para conseguir curar-se”. (pág.23-24).

Esse lado inocente que foi citado acima está se referindo à Anima, ou seja, a parte feminina do homem encontrada no inconsciente, e para conseguir ter acesso a essa parte é preciso lidar com alguns de seus recursos, que falaremos mais adiante, e quando o homem conseguir olhar para essa parte encontrará energia e coragem para preencher sua vida.

Um dos primeiros recursos é o homem lidando com a sua mulher interior, e discriminando que ele não pode tratar a sua mulher interior do mesmo modo que trata a do exterior ou vice-versa:

“As leis que regem a parte interior, são muito específicas e frequentemente distantes das externas. A questão de como tratar a mulher interior, e principalmente como diferenciá-la da de carne e osso, é a parte mais importante do mito”. (pág. 45)

Quando há a projeção da anima na mulher de carne e osso, ou vice-versa, o relacionamento começa a ser prejudicado, pois como já foi citado, anima e mulher de carne e osso são regidas por leis diferentes (mundo interno e mundo externo).

E antes mesmo do homem entrar em contato com sua parte feminina é preciso: “... *aprender como se relacionar com ela, tê-la como companheira interior que caminhará com ele e lhe trará calor, força e entusiasmo no decurso da vida*”. (2006, pág. 53).

Há a possibilidade de o homem rejeitar a anima ou aceitá-la em sua vida, no primeiro caso, a parte feminina se voltará contra o homem sob forma de humores, podendo ser entendida como uma pequena psicose ou possessão, aparecendo no homem que foi dominado pela parte feminina. Já no segundo caso, ajudará o homem a conhecer a si mesmo: “*o lado feminino existe para conectá-lo com as profundezas de seu ser e construir uma ponte para o seu self*”. (pág. 51).

Mudando um pouco o foco, refletiremos sobre um aspecto relevante da masculinidade. Uma das ações que o caracteriza é o poder do ganhar, e, na maioria das vezes, se ganha em detrimento de outrem.

Esse ganhar está relacionado à competitividade, ou seja, em muitos homens que não conseguiram alcançar o self ainda existe essa mentalidade, transformando tudo na vida em competitividade.

Antes da consolidação da masculinidade, o jovem precisará dominar sua própria agressividade, precisará saber como e em que situações “ser agressivo”. Se deixar vencer pela ira e pela violência revela quer dizer que sua masculinidade ainda não está formada, portanto: “... *todo menino, no seu processo para tornar-se adulto, tem de aprender como dominar seu lado violento e integrar em sua personalidade consciente essa terrível tendência masculina que leva o homem à agressão*”. (pág. 38).

Para consolidar a masculinidade dentro de si é preciso que haja um confronto com o mundo externo, ou seja, é preciso que haja obstáculos no mundo externo que façam desafiar a vontade e identidade do homem.

Por fim, nenhum homem conseguirá passar por todos esses estágios se não tiver se libertado do complexo materno, ou seja, se ainda não consegue ser desleal e permanece sempre preso à mãe, não conseguirá a libertação para seguir o seu caminho rumo ao self. Com o passar do tempo, após o homem ter conquistado sua

independência e depois de ter transferido seu afeto para uma mulher (interior ou exterior) poderá voltar-se à mãe e juntos descobrirem um outro tipo de relacionamento num outro nível.

O caminho masculino rumo à individuação pressupõe uma aproximação das polaridades masculino/feminino e sua integração psíquica, só possível uma vez superado o complexo materno.

Esta integração possibilita um aumento de recursos e competências, como assinala Johnson (2006):

“Tanto a genialidade quanto à criatividade de um homem são manifestações desse lado feminino, que lhe dá a capacidade de ‘dar à luz’ algo. É, porém, a sua masculinidade que lhe permite dar forma e estrutura ao que fez nascer de si, no mundo exterior”.
(pág. 54)

4.1 CIÚME MASCULINO E CIÚME PATOLÓGICO

O ciúme é uma emoção muitas vezes descrita como avassaladora Jung (2006) define emoções do seguinte modo: “... *reações instintivas, involuntárias que perturbam a ordem racional da consciência com suas irrupções elementares*” (pág. 72).

Dependendo da intensidade da emoção ela pode ser bastante perturbadora, especialmente, quando ligada a algum complexo. Complexos são agrupamentos de idéias e afetos bastante carregados emocionalmente, cujos conteúdos se agrupam em torno de um arquétipo. Pertencem ao Inconsciente Pessoal.

Quando as emoções são intensas “afetam” o ego e produzem comportamentos imprevisíveis e violentos.

Sobre o ciúme e seu papel nos relacionamentos, Grimberg (2000) afirma: “O *ciúme numa situação normal, tem a função de regular a possessividade e onipotência do indivíduo diante do outro, fazendo-o perceber que ele não pode ter o outro de ‘maneira eterna, perene e incondicional’*”. (pág. 69)

O ciúme patológico é considerado como afeto ou emoção intensos e toma de assalto o ego fazendo com que tudo na vida da pessoa seja relacionada a ele, provocando distorções na percepção das situações externas.

Como o tema do trabalho é mais específico ao comportamento masculino daremos uma ênfase ao ciúme patológico masculino.

Como a cultura patriarcal ainda predomina na cultura ocidental podemos fazer um breve histórico sobre como os homens se comportavam perante as suas mulheres e que imagem era valorizada:

“O ciúme sempre existiu. O homem sempre se considerou dono do corpo da mulher, o que ele supõe ser também uma precaução em relação ao risco de ter que criar filhos que não são seus, em termos biológicos...”. Pasini (2000).

“Aos poucos, no decorrer do tempo, ele se distanciou desta função e passou a fazer parte do orgulho

masculino, relacionado à posse e exibição da mulher conquistada” (pág. 42).

Atualmente os homens relacionam o ciúme com o sentimento de possessividade, e como hoje em dia os relacionamentos são mais fragilizados no sentido de ser uma relação baseada em interesses individuais e não mais no “abrir mão de algo pelo bem do outro”, qualquer mudança que o homem sinta na mulher já suspeitará que ela quer terminar a relação. Porém, mesmo após a separação o homem tende a querer controlar a vida de sua ex-parceira, chegando até a ficar revoltado e enciumado quando a ex-mulher começa uma relação com outro homem.

Assim, na sociedade ocidental, o homem tende a expressar seu ciúme através do controle sobre sua mulher, querendo dominar seus pensamentos e comportamentos, tornando-se o “dono” dela.

Para Araújo (2005) esse sentimento de possessividade em relação ao outro pode estar relacionado com o modelo familiar que a pessoa teve:

“A criança que foi criada por pais que focalizavam toda sua atenção nela, deixando de lado outros papéis em sua vida terá dificuldades para se relacionar com mais de uma pessoa. Assim ela tenderá a se relacionar apenas com uma pessoa, vivendo em função dela”. (pág. 32)

“... dificultará sua socialização e relacionamento amoroso, já que sentirá ciúme sempre que seu parceiro se relacionar com outras pessoas além dela”. (pág. 34)

Anteriormente, quando ainda reinavam os papéis sexuais tradicionais, onde o homem era o provedor e a mulher a dona de casa, ele fazia de tudo para não prejudicar a sua imagem e conseqüentemente a de sua família, e por isso era comum proibir a esposa de sair de casa na ausência dele.

Deste modo, sua mulher estava sob controle e se não agisse firmemente sobre as condutas de sua mulher, era considerado fraco e menos viril. Assim,

podemos perceber que o ciúme desempenhava um importante papel para a imagem tanto do homem como da família.

Caso o homem agisse diferente, seria como atestar a sua perda da honra masculina e familiar.

Além dessa importância para honrar a masculinidade, também tem o lado de que o homem controlava a mulher para que esta não cometesse nenhum deslize, como se envolver amorosamente com outro homem. Assim sendo, qualquer mudança no comportamento da mulher, desde o modo de se vestir até as suas atitudes, deixava-o com a suspeita de que estaria se insinuando para outra pessoa. Para Cavalcante (1997):

“O homem ciumento acredita que a mulher esteja se insinuando para outros homens através do uso de roupas sensuais, e deste modo tendo o seguinte raciocínio: ‘a mulher só deve se enfeitar para seduzir um homem’”. (pág 60)

Por fim, depois dessa pequena trajetória sobre o ciúme masculino, faremos um breve rascunho sobre o ciúme patológico.

Através da leitura de alguns capítulos do Mestrado em Psicologia Clínica de Valéria Centeville (2008), podemos concluir que o ciúme patológico está relacionado com o complexo de inferioridade, ou seja, o ciumento patológico acredita que sua parceira está o traindo com uma pessoa melhor que ele, acredita (consciente ou inconscientemente) que seu rival (real ou imaginário) é superior a ele.

Assim, observa-se que o ciumento patológico enxerga a realidade por meio de seus complexos sombrios não integrados à consciência, e o faz ver traição em todos os gestos e comportamentos de sua parceira.

Conforme descrito acima, qualquer mudança física ou comportamental de sua parceira faz com que o ciumento patológico se sinta ameaçado de perder seu objeto amado.

4.2 COMPORTAMENTO VIOLENTO

Antes de falar como a psicologia analítica aborda o comportamento violento, farei uma distinção entre a agressividade normal e patológica.

A agressividade tem um papel importante na cultura do homem e por isso é considerada como uma função psíquica, embora tenha sido considerada como destrutiva, especialmente na abordagem psicanalítica.

Para Byington (2008)

“Para evitar o estigma da unilateralidade e da patologia dos fenômenos psíquicos, a teoria das polaridades desenvolvida por Jung concebe a psique sempre bipolar, o que lhe permite descrever a expressão positiva e também negativa de todos os arquétipos” (pág. 11).

“O arquétipo da mãe, por exemplo, dependendo do contexto pode se expressar como a fada madrinha ou como a bruxa maligna devoradora. O arquétipo do pai pode ser vivenciado como guia e protetor ou como repressor e castrador” (pág. 11).

Essa bipolaridade a qual o autor de refere é relacionado com a forma que Jung definiu o aparelho psíquico assim como às suas funções, como exemplo, Persona e Sombra, enquanto a primeira é formada por conteúdos positivos aceitos pela consciência do ego, a segunda é formada por aquilo que é rejeitado, ou seja: *“A sombra é caracterizada pelos traços e qualidades que são incompatíveis com o ego consciente e a persona”* (Jung: ‘O mapa da alma’ – pág. 100).

Na base da formação da consciência estão os arquétipos e é através deles que iremos analisar a agressividade normal ou patológica. Os arquétipos podem se expressar como normais ou patológicos, entendendo os primeiros como os elaborados de maneira plena enquanto os segundos são aqueles que sofrem fixações e passam a ser expressos de modo alterado.

“Eis, afinal, o cerne da semente, impossível de ser trazido à consciência – a esfera do mundo arquetípico. Seus conteúdos presumíveis aparecem sob a forma de imagens que apenas podem ser entendidas quando comparadas com paralelos históricos”. (Jung ‘Fundamentos de Psicologia Analítica’ – pág. 41).

Através desse ponto de vista teórico podemos compreender a atuação da agressividade normal e patológica, pois se há um referencial de que todos os fenômenos psíquicos têm uma raiz arquetípica, e através destes podemos perceber se a agressividade está inserida numa escala de atuação normal e construtiva ou destrutiva.

A agressividade é considerada como uma função estruturante, podendo ser considerada normal ou defensiva, sendo que ela é o contrário da afetividade, sendo que um dos seus principais papéis é representar o “não” para o outro, enquanto a afetividade expressa o “sim”.

E para finalizar esse breve estudo sobre a agressividade sob a perspectiva junguiana, a agressividade apresenta duas vertentes, reativa e transgressora:

“A agressividade reativa é desencadeada pela frustração, para dizer não às situações de desprazer, de dor, de ameaça e de sofrimento de um modo geral e a agressividade transgressora expressa o poder de o Ego penetrar no Outro” (Byington, 2008, pág. 18).

Na psicologia analítica, a agressividade é reativa quando representa a frustração, tornando-se importante para o processo de individuação, ou seja, através dessa frustração é preciso analisar se ela deve ser contida ou se deve concretizar o ato, se opondo à situação em andamento.

Tal agressividade é normal e também útil desde os primórdios da infância, sendo que cessar essa agressividade e/ou frustração da criança é essencial à presença dos pais quando seu protesto é atendido, pois quanto mais a criança for acolhida, mais será capaz de elaborar sua frustração.

Segundo Byington (2008), a frustração desenvolve um papel importante na estruturação do Ego: *“Podemos dizer que quanto mais saudável e desenvolvido é o Ego, mais ele consegue aguentar as frustrações na vida e melhor ele pode elaborar criativamente o sofrimento”* (pág. 18).

Antes de encerrarmos esse capítulo é preciso falar sobre o lado patológico da agressividade, juntar o ciúme patológico e demonstrar como ele desencadeia o comportamento violento, ou seja, a psicodinâmica envolvendo todos esses sentimentos.

Um homem que apresenta uma atitude consciente unilateral com uma pessoa muito intelectual acaba constelando uma pessoa inferior totalmente inconsciente, e, como que se torna inconsciente, a partir dessa postura radical do ego, demanda um alto índice de energia, podendo até invadi-lo, fazendo emergir o afeto indiscriminado, e isso pode afeta-lo em seus relacionamentos. Tal definição é uma demonstração da dinâmica do ciúme patológico na psique.

E fazendo a ligação do ciúme patológico com os complexos, podemos dizer que o ciúme patológico masculino é caracterizado pela atuação de um ou mais complexos patológicos. A dinâmica do complexo na psique é feita na seguinte forma:

No início o complexo é inconsciente, mas já age como um fluxo de vontade oposta ao Ego. Progressivamente, ocorre identificação parcial e total do Ego com o complexo e este se projeta na realidade externa, sob a forma de alucinações e delírios.

E dessa forma, conhecendo como funciona a dinâmica do complexo sob o Ego, podemos fazer uma associação entre o ciúme patológico e a agressividade desencadeada por um tipo de complexo mencionado acima.

Assim, a dinâmica de um comportamento violento associado a um ciúme patológico é feita pela identificação com uma pessoa inflada caracterizada pela busca de status e poder e uma sombra formada pelo princípio feminino reprimido, e também a projeção de um complexo identificado apenas em parte ou total pelo Ego sobre as mulheres. Assim, essa demonstração é específica da dinâmica do ciúme patológico masculino.

De acordo com Byington (2006), quando o ciúme é simplesmente desqualificado e reprimido, ele passa a operar na sombra, tornando-se inadequado e destrutivo. Assim, uma pessoa pode se mostrar intolerante, possessiva e agressiva.

Deste modo, o ciumento patológico enxerga a realidade dos seus complexos sombrios não integrados que o fazem ver traição onde existem apenas fatos corriqueiros.

Há outros fatores que são observados no ciumento patológico, como exemplo, a insegurança, a fragilidade do Ego, a baixa autoestima, e a não superação da estrutura edipiana e também podem estar associados a alguns complexos parentais.

5. ILUSTRAÇÕES SOBRE HISTÓRIAS DE RELACIONAMENTOS CONFLITUOSOS

Esse capítulo será composto por ilustrações de casos e histórias sobre relacionamentos amorosos com o foco sobre o término da relação, traição, ciúme entre outros.

Foram selecionados quatro casos da atualidade sobre a violência de homens com suas ex-mulheres, todos ocorridos no Brasil dentre o período de Junho de 2011 a Janeiro de 2012.

Na literatura recorreremos ao livro de Machado de Assis “Dom Casmurro” e o conto de Shakespeare “Otelo”.

Também será falado sobre o filme “Ciúme, o inferno do amor possessivo” e para encerrar citarei o mito de Hefesto.

5.1 CASOS NA ATUALIDADE

Caso 1:

Vereador de São Cristóvão agride ex-mulher (30/01/2012)

A dona de casa Mara Santos Rodrigues da Cruz foi agredida fisicamente na tarde deste domingo, 23, na residência do centro de São Cristóvão, onde mora. O acusado é seu ex-marido, o vereador de São Cristóvão Gibson Rodrigues da Cruz, o “Irmão Gibson”. De acordo com a vítima, o agressor se recusa a aceitar o término de seu casamento.

“Ele não quer a separação, não quer que eu ande com ninguém. Já me ameaçou de morte várias vezes, me xinga, me difama”, disse a vítima. Ainda na noite do domingo, ela foi registrar um boletim de ocorrência na Delegacia Plantonista, em Aracaju.

Gibson teria invadido sua casa, arrastando-a pelo chão e espancando-a com socos e pontapés por volta das 15h.

De acordo com o depoimento prestado pela denunciante, essa não é a primeira vez que Mara é agredida fisicamente pelo ex-marido. Os dois viveram juntos por 16 anos, mas se separaram há cerca de um ano e um mês. “Já pedi o divórcio”, informou Mara, que tem um filho de 15 anos com Gibson.

Mara Santos sofreu escoriações por todo o corpo e no rosto. O acusado teria levado as chaves de sua casa e prometido retornar.

Caso 2:

Homem mata ex-companheira e, em seguida, se suicida (30/11/2011).

Um crime abalou o Alto da Conquista, em Olinda, no fim da tarde desta quarta-feira (30). Durante uma briga, José Cláudio da Silva, de 34 anos, matou a ex-companheira com quatro tiros na cabeça e, depois, disparou a arma contra si. De acordo com a polícia, o homem estava inconformado com o fim do relacionamento.

Andreza da Silva Moraes Duarte, 20, foi abordada pelo ex-companheiro na casa onde morava, localizada na Rua Duas Américas, 96.

Segundo agentes da Força Tarefa Norte do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), responsável pela investigação do caso, após passar sete anos juntos, o casal se separou há um ano, porque a mulher descobriu que havia sido traída. José Cláudio tinha uma filha de sete anos de outro relacionamento.

Os corpos foram encaminhados ao Instituto de Medicina Legal (IML), em Santo Amaro, na área central.

Caso 3:

Homem mata ex-companheira por ciúmes em assentamento do MST no interior de Itamaraju (22/10/2011)

Um bárbaro assassinato aconteceu por volta das 11h desta sexta-feira (21) na região do distrito de São Paulinho, no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Pedra Bonita, no interior do município de Itamaraju.

De acordo com o presidente da associação dos produtores rurais do assentamento, Orlando Azevedo Júnior, o crime motivado por ciúmes, foi executado em meio a uma plantação de cacau, localizada no próprio assentamento, onde a

vítima, Zenilda Souza Pereira, a “Zene”, de 37 anos de idade, foi atacada por seu ex-companheiro, Walter Nunes Peixoto, o “Val”, de 36 anos de idade, enquanto trabalhava. A vítima foi executada com um tiro de espingarda e dois golpes de facão.

Líderes do assentamento disseram que ‘Val’ e sua companheira teriam chegado juntos quando houve a divisão dos lotes do assentamento há cerca de oito anos atrás, e após diversas brigas, foram alertados de que os problemas conjugais eram incompatíveis com o trabalho de reforma agrária. A partir daí a mulher resolveu separar-se de ‘Val’, o que teria provocado ciúmes e descontentamento. ‘Val’, que não aceitava a separação, saiu do assentamento e passou a trabalhar numa fazenda vizinha.

O lugar onde aconteceu o crime é de difícil acesso e o tempo chuvoso dificultou ainda mais a chegada do Departamento de Polícia Técnica (DPT), ao local do corpo.

Caso 4:

Homem agride ex-esposa dentro de hospital por ciúmes (09/11/2011)

O electricista Gilberlande Rodrigues Soares, 37, é acusado de brigar com o segurança do hospital Santa Júlia, na Avenida Senador Boulevard Álvaro Maia, Praça 14, Zona Sul após agredir a ex-mulher que trabalha no local e quebrar a porta do hospital particular.

Gilberlande teria chegado por volta das 9h15min desta quarta-feira (9) procurando pela ex-companheira, Luana Alice Teixeira, 45, acusando-a de traição com um funcionário do hospital. O electricista agrediu a ex-mulher com um golpe de “mata-leão” e depois quebrou com um chute a porta do hospital.

O suspeito foi levado para o 1º Distrito Integrado de Polícia (DIP), a Praça 14, por dano qualificado, lesão corporal e agressão a mulher (Maria da Penha), este último crime foi retirado pela ex-companheira do acusado.

De acordo com delegado plantonista do 1º DIP, Marcelo Martins, Gilberlande chegou no hospital querendo falar com a ex-companheira: “O segurança começou a

impedir a ação do infrator e os dois começaram a travar uma luta corporal. O segurança ficou machucado e está passando por uma cirurgia num outro hospital. A mulher dele levou um mata-leão, mas desistiu de representar contra ele aqui na delegacia”, disse o delegado.

O segurança do hospital, Isaac Pereira, foi levado para o Hospital e Pronto-Socorro João Lúcio, no São José, Zona Leste, onde passou por uma cirurgia na região nasal.

Gilberlande responderá por um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO), pelo caso.

5.2 CASOS NA LITERATURA: “DOM CASMURRO” E “OTELLO”

DOM CASMURRO

A narrativa é feita em primeira pessoa (a história do personagem principal, Bentinho), mas no decorrer do enredo em si mesmo. Sua estória é a seguinte: órfão de pai, criado com desvelo pela mãe (D. Glória), protegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar (tia Justina, tio Cosme, José Dias), Bentinho é destinado à vida sacerdotal, em cumprimento a uma antiga promessa de sua mãe.

A vida do seminário não lhe interessava, e lá conheceu Escobar, que acabaram se tornando amigos, e a única coisa que lhe interessava era o seu namoro com sua vizinha Capitu. Sua mãe, Dona Glória, estava insatisfeita com seu filho no seminário, apesar dele estar pagando a promessa pela dádiva alcançada, e decide pedir a José Dias, o agregado da família, que colocasse uma outra pessoa no lugar de Bentinho, fazendo com que este abandonasse o seminário.

Com o passar do tempo, o amor de Bentinho e Capitu ainda resiste, e, entre o namoro e o casamento, Bentinho se forma em Direito e se aproxima ainda mais de seu amigo Escobar, sendo que este acabou se casando com Sancha, amiga de Capitu.

Do casamento de Bentinho e Capitu nasce Ezequiel. Escobar morre e, durante seu enterro, Bentinho julga estranha a forma qual Capitu contempla o cadáver. A partir daquele dia, os ciúmes vão surgindo e para a sua desconfiança, Ezequiel se torna cada vez mais parecido com Escobar. Bentinho não suportando mais o ciúme, chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguido pelo seu suicídio, mas não tem coragem. A tragédia encerra com o término da relação.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre, e, anos depois, Ezequiel, seu filho, volta ao Brasil para visitar o pai, e Bentinho mais uma vez afirma a semelhança entre ele e o antigo colega de seminário. Após isso, Ezequiel volta a viajar e morre no estrangeiro. O livro encerra com o enredo cada vez mais fechado em suas dúvidas, passa a ser chamado de casmurro pelos amigos e vizinhos e põe-se a escrever sua vida (o romance).

OTELO

A história se inicia com Iago, alferes de Otelo, tramando com Rodrigo uma forma de contar a Brabâncio, rico senador de Veneza, que sua filha, a gentil Desdêmona, tinha relações íntimas com Otelo. Isso tudo porque Iago queria se vingar do general Otelo por ter promovido Cássio (jovem soldado).

Ao tomar conhecimento que sua filha havia fugido para se casar com o Mouro, foi à procura de Otelo para matá-lo. Tal encontro foi interrompido, pois havia chegado o comunicado convocando-os para uma assembléia no senado. Durante a reunião, Brabâncio (pai de Desdêmona), sem provas, acusou Otelo de ter induzido sua filha a casar-se com ele por meio de bruxarias. Para sua defesa, Otelo apenas relatou a sua história de amor e, como era um general respeitado, foi inocentado. Em Chipre, Iago, nutrindo ódio por Otelo, começou a causar discórdia, ou seja, planejava um terrível plano de vingança, com objetivo de arruinar seus inimigos. E como tinha um conhecimento da natureza humana, sabia que havia um sentimento que corroía a alma, que era o ciúme.

Então o seu plano envolvia um dos melhores amigos de Otelo, Cássio, por ele ter maior confiança no amigo. Além disso, por ser possuidor de uma grande beleza, poderia despertar ciúme em qualquer homem, mais ainda em Otelo, um homem de idade avançada.

O seu plano deu início quando Iago deixou Cássio numa situação que poderia perder seu cargo, sendo destituído por Otelo. A partir disso, Iago começou a colocar Cássio contra Otelo, dizendo que não concordava com a atitude do general em destitui-lo, convencendo Cássio a pedir a Desdêmona um pedido de uma segunda chance a ele. Assim, Cássio seguiu a ideia de Iago. Mudando o foco do plano, Iago insinuou a Otelo que Cássio e sua esposa poderiam estar tendo um caso. Após essa suspeita de Iago, Otelo começou a desconfiar de Desdêmona.

Assim, ele começa a tramar situações, tais como, um lenço que Otelo havia presenteado Desdêmona, e faz com que sua mulher se torne cúmplice em seus planos, sugerindo que ela roubasse o lenço. Dessa forma, Iago causa intriga, dizendo a Otelo que sua mulher tinha presenteado seu amante com um lenço. Após

esse fato, Otelo foi perguntar a mulher sobre o tal lenço, e esta não soube explicar sobre o súbito desaparecimento dele.

A outra trama se deu com Iago convencendo Otelo a se esconder e ouvir uma conversa sua com Cássio. Eles falavam sobre Bianca, meretriz, amante de Cássio, mas como Otelo só ouviu partes da conversa ficou com a impressão de que eles estavam falando a respeito de Desdêmona. As consequências dessas tramas foram terríveis: primeiro Iago prometeu a Otelo que se vingaria de Cássio, matando-o. Mas sua real intenção era matar Rodrigo e Cássio simultaneamente, pois ambos poderiam estragar seus planos.

Após isso, Otelo estava totalmente fora de si, foi à procura de sua esposa, acreditando que ela o havia traído e asfixia-a em seu quarto. Com isso, a mulher de Iago, Emília, vendo a consequência dos atos de seu marido, resolve confessar a Otelo que tudo aquilo fora tramado por seu marido e que Desdêmona jamais fora infiel. Iago então mata Emília e foge, mas logo é capturado. Otelo, desesperado ao saber que matara sua amada esposa injustamente, apunhalou-se, caindo sobre o corpo de sua mulher.

5.3: CASOS NO CINEMA: “CIÚME, O INFERNO DO AMOR POSSESSIVO”

O filme *Ciúme: o inferno do amor possessivo* (1994), do diretor francês Claude Chabrol, retrata a vida de um casal cujo relacionamento começa a ficar cada vez mais conturbado devido às consequências negativas do ciúme para a relação.

Paul é um homem jovem que constrói um hotel perto de onde já trabalhava há quinze anos. Conheceu Nelly e com o passar do tempo casaram-se e tiveram um filho chamado Vincent. Paul vive sempre “nervoso” e atarefado com a rotina do hotel. Por diversas vezes toma medicamentos para diminuir o estresse e doses de bebida alcoólica. Nelly, uma mulher muito bonita e vaidosa, ajuda Paul nos serviços do hotel e, por vezes, mostra-se uma mulher atenciosa com Paul.

A desconfiança de Paul começa dentro do próprio hotel, onde Nelly passa a dar indícios de que estaria tendo algum envolvimento com um hóspede chamado Martineau, o qual é mecânico do carro de Paul, mora perto da mãe de Nelly e foi flagrado por Paul mostrando slides com fotos para Nelly numa sala escura do hotel. A partir daí, Paul passa a perseguir Nelly por todos os lugares, buscar provas de que está sendo traído e ainda agindo de forma agressiva com ela. Enfim, Paul passa a exercer um papel extremamente agressivo e controlador no relacionamento com Nelly.

5.4 CASO NA MITOLOGIA: “O MITO DE HEFESTO”

Hefesto era conhecido como deus grego do fogo. Comenta-se que o deus do fogo teria nascido muito feio e com aparência de anão, pois tinha problema na perna. E, por esse motivo a sua mãe, Hera, muito envergonhada teria o jogado ao mar. Mas com muita generosidade foi recolhido pela deusa Tétis. Ele que produzia os raios e trovões de Zeus com seu poder do fogo e metais.

Ao ser cuidado por Tétis durante nove anos cresceu e aprendeu a trabalhar com metal, e a fazer jóias também. Um dia sua mãe Hera viu uma delas. Gostando muito, quis saber quem as fazia, foi quando soube que era seu filho rejeitado, e o quis então de volta ao Olimpo, porém Hefesto recusou o convite de sua mãe. Mas Hera não desistiu da volta de seu filho e pediu para que Dionísio o convencesse a voltar. Dionísio só conseguiu isso após embriagá-lo com vinho e com uma mula ajudando ele a carregar Hefesto de volta ao Olimpo.

Um tempo antes de voltar para o Olimpo, Hefesto se vingou de sua mãe, construiu um lindo trono de ouro e mandou entregá-lo. Sua mãe Hera muito contente, sentou-se no trono, mas nele havia fios transparentes que seguraram Hera no trono e ninguém conseguia tirá-la, até que Hefesto soltou sua mãe e disse que voltaria ao Olimpo apenas se sua mãe lhe desse a mão da mulher mais bela.

Em Olimpo, Hefesto continuou sua criativa obra e mesmo com as críticas e risadas irônicas por causa de suas pernas conseguiu a atenção de todos os deuses pelo fato de sua grande sabedoria e criatividade. Foi então que Hera, para reparar seus danos, lhe deu a mão de Afrodite. Hefesto casou-se com Afrodite, no entanto, apesar da beleza de Afrodite ser muito grande, seu caráter não era.

Afrodite sempre manteve um caso com o deus Ares, mas Hefesto tomou conhecimento da traição e preparou uma armadilha para os dois. Ele saiu de casa e Afrodite se encontrou com Ares em sua residência e na cama Hefesto tinha colocado uma rede com fios transparentes, foi então que os dois deitaram e ficaram amarrados na frente de todos os deuses passando humilhação.

6. DISCUSSÃO

Nesse capítulo iremos discutir e analisar as ilustrações demonstradas no capítulo anterior, fazendo um paralelo entre o que elas têm em comum e as respectivas discrepâncias.

Primeiramente podemos observar que em todas as ilustrações, o tema ciúme está presente, seja ele considerado como normal ou patológico. É importante nos atentarmos ao tipo desse ciúme e como ele está presente na relação e no indivíduo, mais especificamente, no homem.

Por exemplo, na história de Dom Casmurro percebemos que o ciúme de Bentinho começa a aparecer depois de uma desconfiança, da maneira que sua mulher Capitu olhou para seu amigo Escobar. A partir daquele momento ele começou a contestar todo tipo de atitude de sua mulher, fazendo com que tudo o que fazia remetesse ao falecido. Todos os indícios levaram Bentinho a acreditar que Capitu realmente havia o traído com seu melhor amigo.

Porém, tais indícios não são comprovados e podemos supor que eles estão vinculados com o ciúme, pois é bem frequente o ciúme estar associado à suspeita de traição. E algumas das vezes podem ter um rumo obsessivo, fazendo com que essa ânsia por pistas, comprovações da traição, sejam meras suspeitas imaginárias.

Isso pode ter ocorrido com Bentinho, pois a partir do momento em que ele observara sua mulher olhando para o defunto é que surgiu a desconfiança, ou melhor, o modo como sua mulher o olha, o narrado “olhos de ressaca”. E daí surge a desconfiança e também a desenfreada busca por provas, apesar de que para ele já tinha a traição como fato.

Há também a desconfiança de que o seu filho, Ezequiel, teria sido fruto da relação de Capitu com Escobar, fazendo com que Bentinho acreditasse na semelhança física dele com seu amigo, sendo esta a prova viva da traição.

Mas, podemos pensar sob outro âmbito, por ele estar submerso àquelas fantasias de traição, poderia projetar sobre Ezequiel todas as suas dúvidas e suspeitas, fazendo com que ele parecesse fisicamente o amante de sua mulher, para que assim fosse possível provar a existência do relacionamento entre eles.

Outro mecanismo que podemos analisar no protagonista seria o ciúme patológico, pois através deste enxerga-se a realidade de forma distorcida, ou melhor, por meios dos complexos sombrios não integrados à consciência.

Tal atitude faz com que a pessoa suspeite de todos os comportamentos e gestos do parceiro, que é o caso de Bentinho em relação à Capitu.

Nessa mesma linha de raciocínio podemos analisar a obra “Otelo” e o caso 4, pois assim como a história “Dom Casmurro” a traição não foi confessada e muito menos comprovada, a não ser por hipóteses e suposições dos protagonistas principais.

No caso 4, percebemos que o desencadeante da agressividade à ex-companheira seria a suspeita de traição desta com um colega de trabalho. Evidencia-se a questão do Poder sobre o Outro, pois mesmo separados, o homem não consegue ver sua ex-companheira como um ser individual que possui suas próprias características e desejos. E ainda projeta sobre esta a reminiscência da infância, onde a mãe estava sempre pronta para atender as suas necessidades, evitando qualquer tipo de frustração.

Na obra de Shakespeare o tema principal é a suspeita de uma traição, que seria de Desdêmona, mulher de Otelo, com um funcionário deste. A diferença dessa trama com a de Dom Casmurro é que as suspeitas foram advindas de uma terceira pessoa, o Iago, ao invés de provir do próprio protagonista, como no caso de Bentinho.

Portanto, as atitudes de Desdêmona foram contestadas por Otelo a partir dos planos de Iago, pois este elaborava estratégias para que ele acreditasse na traição de sua mulher. Por fim, o resultado dessa conspiração se deu na morte de Desdêmona pelo próprio marido.

Assim, com essa atitude podemos pensar em duas vertentes: o comportamento violento e o ciúme patológico. As duas estão correlacionadas, pois é um caso de agressividade e ciúme patológico. Na psique, o ciúme patológico é desencadeado por uma atitude consciente unilateral, ou seja, quando o Ego reprime

o inconsciente, não mantendo qualquer tipo de relação com este. E, com isso, constela-se uma alma inferior.

Deste modo, essa dinâmica do comportamento violento junto com o ciúme patológico ocorre através de identificação com uma persona inflada, onde o ser é tomado por um status de poder, sendo que tudo ocorre em função dele e também com uma sombra formada pelo princípio feminino reprimido, já que a alma fora constelada no inconsciente.

No caso de Otelo, por ele ser um militar renomado tinha uma honra a prezar, e, além disso, estava identificado totalmente com sua persona. Assim sendo, sua mulher não poderia desonrá-lo e muito menos ter um outro interesse a não ser o dele, e principalmente, em outro homem. Movido por esses conceitos, além do descontrole característico de um ciumento patológico, decide matar a sua mulher ao invés de ter o risco de perdê-la e, principalmente, de ter o seu poder refutado.

Fazendo um paralelo desta obra literária com a realidade, ou melhor, na atualidade, vemos diversos casos nos jornais em que homens matam suas ex-companheiras por conta de ciúme ou então pela não aceitação do término do relacionamento.

No caso 3 demonstrado no capítulo anterior, podemos perceber a mesma dinâmica ocorrida com Otelo, tendo a diferença que o atual não regozijava de um poder social, porém, existia a sua honra masculina.

Em tal situação, o comportamento violento foi regido principalmente pelo sentimento de possessividade. E mesmo com a separação, o homem ainda tende a querer controlar a vida de sua ex-parceira, e mais uma vez é uma situação em que o homem se vê o centro das atenções, onde tudo o que acontece tem que ser em função do desejo dele.

No caso específico podemos também relacionar a agressividade com a frustração, onde a agressividade é desencadeada como uma forma de dizer não às situações de desprazer, de dor, de ameaça e de um sofrimento de um modo geral.

Além desse caso, há ainda o caso 1 e 2, ambos com a mesma temática central, a não aceitação do término do relacionamento amoroso. Como já foi falado

anteriormente, além da associação da agressividade desencadeada pela frustração, também temos duas possibilidades que podem ocorrer em relação à separação, sendo uma delas a sensação de que o parceiro não fez tudo que deveria ter feito, com sentimento de fracasso.

Tal possibilidade faz com que o parceiro tente uma reaproximação com sua parceira, em busca de uma segunda chance, “de fazer o diferente”, mas, com a indiferença da ex-companheira, perde o controle e acaba deixando a frustração desencadear a agressividade.

Já a outra possibilidade está relacionada com uma hipótese arquetípica, considerando a separação como sentimento remoto vivenciado na infância, ou seja, a pessoa expõe no relacionamento uma tentativa de recuperar aquele sentimento único, vivido nos primórdios da existência. E a separação amorosa a remete aos sentimentos primórdios, onde se era separado de sua condição paradisíaca, sendo o centro do universo.

E, nesse caso, faz com que a pessoa se desestruture e volte a vivenciar àquela perda de seu momento mágico, estando a frustração mais uma vez presente nos mecanismos psíquicos.

Para finalizar essa análise, falaremos sobre a dinâmica do ciúme patológico no filme “Ciúme, o inferno do amor possessivo”, pois é bastante clara e dinâmica que vai se instaurando no decorrer do filme a partir de uma desconfiança.

Essa desconfiança começou quando Paul flagrou sua mulher com um hóspede na sala, assistindo à televisão, e isso já foi o suficiente para que ele suspeitasse de todas as atitudes de sua mulher, fazendo com que ele a perseguisse e monitorasse seus passos e lugares frequentados por ela.

Junto com a desconfiança e o ciúme, vem o sentimento de possessividade, ou seja, o parceiro quer dominar o outro e ter pleno poder sobre ele, ou seja, não enxerga o parceiro como detentor de sua própria personalidade e desejos, e sim como alguém que está na relação para preencher todo o vazio e também de proporcionar segurança e estabilidade.

Tal postura pode ser associada com uma questão de reminiscência da infância, onde a mãe estava sempre pronta para atender às nossas necessidades e vontades, garantindo a sua presença a qualquer momento e nos satisfazendo em todos os aspectos. E, assim, evitando qualquer frustração.

Além dessa hipótese, também podemos relacionar a possessividade com a dinâmica do modelo familiar que a pessoa teve, ou seja, ela pode ter sido criada por pais que focavam toda a atenção nela, sem atentar para outros papéis da vida. Assim, o indivíduo compreende que o relacionamento é baseado na entrega total, sendo ela a prioridade da vida, deixando todas as outras coisas, que não são relacionadas a pessoa em segundo plano.

Dessa forma, quando tal pessoa se relaciona com outra pessoa que possui um modo de relacionamento diferente do dela, com outro padrão e modelo familiar, sentirá ciúmes quando o seu parceiro se relacionar com algo ou outra pessoa além dela.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução, foram levantados alguns objetivos que seriam cumpridos no decorrer do trabalho e aqui apresentarei o que foi discutido em relação a esses fins.

Primeiramente, foi abordada a questão da dinâmica arquetípica de um relacionamento amoroso, e a partir deste podemos levantar diversos pontos, tais como:

A vivência única de uma relação amorosa: foi constatado que não importa a cultura em que está inserido, ela é vivenciada como um sentimento único e igual para todos independentemente da idade, sexo e entre outros. Um dos sentimentos que são frequentes nesse tipo de relação é a questão de que os amantes nunca sabem quando irão se deparar com tal sensação, além, de ser recorrentes as experiências envolvidas por coincidências, ou seja, os eventos sincronísticos, que são caracterizados por serem eventos que possibilitam o encontro entre os amantes, sem ter uma razão causal.

Outra questão que pode ser levantada, ainda relacionada com os eventos sincronísticos, é a forma do primeiro contato, além de ser mediado sem uma premeditação do Ego, estando sob a regência do inconsciente, é constelada no casal uma atração mútua, tendo a sensação de inevitabilidade sugerida no encontro, fazendo questionar que ambos deveriam viver aquele momento e que teriam que passar por momentos juntos.

A ação do tempo também é algo compartilhado por todos os casais, pois são experimentados de forma única, tendo a percepção que o tempo passa mais depressa quanto se está na presença do Outro, fazendo-nos discutir que de fato o tempo objetivo é irrelevante, pois essas sensações e sentimentos são vivenciados pelo nível arquetípico da existência, tendo o seu próprio tempo.

E para finalizar essa questão da dinâmica arquetípica de um relacionamento amoroso, é de grande valia apontar sobre a atuação de Eros e Logos em tal dinâmica, pois em toda relação um dos amantes representará Eros, que é relacionando com o princípio de união, enquanto o outro representará Logos, que

está mais voltado para a lei do raciocínio. Desta forma, o relacionamento estará equilibrado sob essas polaridades, de desejos e atitudes, com o objetivo de complementação.

Outro objetivo traçado no início do trabalho era o de compreender os aspectos mobilizados no homem diante a separação, que o levam a práticas violentas contra a mulher.

Vimos que na separação, isso vale tanto para o homem quanto para mulher, são mobilizados alguns sentimentos e reflexões, sendo elas:

- Frustração: O parceiro se sente incapacitado, tendo a sensação de que não fez tudo que deveria ter feito na relação, que poderia ter se empenhado mais e também se sente culpado pelo término, devido a essas hipóteses.

- Durabilidade do relacionamento: com a regência do Amor Romântico, a sua consequente idealização dos “felizes para sempre” é questionada, como quando um amor é verdadeiro ele dura para toda a eternidade, e, quando a relação foge desse padrão, torna-se negativa e os parceiros se sentem fracassados por não conseguir atingir aquele ideal.

- Primeiras relações: Essa questão é feita por base arquetípica, onde se considera que qualquer separação desperta sentimentos remotos vivenciados nas primeiras relações, ou seja, os mesmos sentimentos vividos na abrupta separação com o mundo ideal, onde o Outro estava sempre atendendo nossas expectativas. E quando a pessoa se separa com diversas “separações” ao longo de sua vida, acaba revivendo as cicatrizes da separação primordial.

- Separação x Violência: Nesse âmbito, que é o foco desse trabalho, os homens praticam algum tipo de violência contra sua ex-companheira por não aceitar um término de relacionamento, e como hipótese, pode ser levantada a questão de que a mulher traz consigo mesmo um aspecto “traçoeiro” e, compensatoriamente falando, o homem teme exatamente a traição feminina.

A terceira e última pergunta proposta por tal trabalho é relacionada com a influência da cultura patriarcal nos comportamentos masculinos e, no

desenvolvimento dessa pesquisa, pudemos levantar alguns aspectos relevantes, tais como:

- Poder: Uma característica relevante da masculinidade é o poder do ganhar, sendo que, na maioria das vezes, se ganha em detrimento de outrem. Tal característica está relacionada à competitividade, ou seja, em muitos homens que ainda não conseguiram alcançar o Self existem essa mentalidade, transformando tudo na vida em competição.

- Repressão dos aspectos femininos: A principal qualidade do patriarcado é o fato em que se reprimiam os aspectos femininos, enquanto os aspectos masculinos eram valorizados. Da mesma forma que ocorre na vida externa, se deu na psique, havendo uma repressão, levando a um desequilíbrio psíquico. Analiticamente falando, tal fato remete a anima e animus, sendo o primeiro representando os aspectos femininos nos homens, enquanto o segundo representa os aspectos masculinos nas mulheres.

- Durabilidade do relacionamento: Na cultura patriarcal foi instaurado o ideal de um relacionamento longo, sendo exigido o sacrifício de ideais e sentimentos individuais, com o objetivo da permanência da relação. Talvez esse fato esteja relacionado com a frustração e a tentativa de retomar o relacionamento após a separação, onde muitas vezes, o parceiro não suporta a ideia da parceira se envolver com outra pessoa e começar uma nova relação.

Antes de finalizar esse capítulo é válido ressaltar mais uma vez a importância de incentivar estudos nesse tema, principalmente na psicologia, para que possamos entender os mecanismos que são ativados no homem diante dessa situação de separação e ou traição no relacionamento.

Nesse ano de 2012, o Ministério da Justiça recebeu um relatório alarmante que dizia que a cada 5 minutos uma mulher é agredida no Brasil, sendo que, em quase 70% dos casos, quem espanca ou mata a mulher é o namorado, marido ou ex-marido.

“Entre 87 países, o Brasil é o 7º que mais mata. São 4,4 assassinatos em cada grupo de 100 mil mulheres. O estado mais violento é o Espírito

Santos, com 9,4 homicídios por 100 mil. E o que mata menos é o Piauí, com 2,6 homicídios por 100 mil mulheres”.

Por fim, através desses dados é possível constatar a importância de continuar esse estudo e também incentivar pesquisas nessa área para que a psicologia possa contribuir com outros órgãos e instâncias, fazendo um trabalho conjunto com o objetivo de atender e compreender essa demanda que a cada dia mais cresce no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCALANDRO, M, P, R.; MORAES, N, M. *Uma relação amorosa e sua análise psicológica*. São Paulo: Plêiade, 2009.

CAROTENUTO. A. *Amar trair – quase uma apologia da traição – 2. ed.* São Paulo: Paulus, 2004.

CENTEVILLE, V. *Ciúme patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana*. 2008. Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

ELUF, L, N. *A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres*. São Paulo: Saraiva, 2009.

JOHNSON, R. A. *He – A chave do entendimento da psicologia masculina –* Porto Alegre: Nova Edição, 2006.

JUNG, Carl Gustav, 1985. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes.

_____ 2005. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.

----- 2006. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes.

REGINO, C. et al. *É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo*. 1. ed. São Paulo: Musa, 2005.

STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Disponível em < <http://www.artigonal.com/psicoterapia-artigos/ciume-o-inferno-do-amor-possessivo-uma-analise-sob-a-perspectiva-da-triplice-contingencia-735905.html> > Acesso em: 10/2011

Disponível em
<www.spm.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=2628%cod_menu=1> Acesso em: 05/2012

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf>> Acesso em: 09/2011

Disponível em <<http://orientacaopsicologica.com/2007/10/15/sentimentos-predominantes-apos-o-termino-de-um-relacionamento-amoroso/>> Acesso em: 09/2011

Disponível em
<<http://www.clicksergupe.com.br/blog.asp?postagem+51500&tipo=policia>> Acesso em: 03/2012

Disponível em
<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2011/11/30/em-olinda-homem-mata-ex-companheira-e-em-seguida-se-suicida-24034.php>> Acesso em: 03/2012

Disponível em <<http://www.girodenoticias.com/noticias/policia/1278/homem-mta-ex-companheira-por-ciumes-em-assentamento-do-mst-no-interior-de-itamaraju-22-10-2011/>> Acesso em: 03/2012

Disponível em <http://acritica.uol.com.br/manaus/Amazonia-Amazonas-Manaus-Homem-agride-ex-esposa-hospital-ciumes_0_587941606.html> Acesso em: 03/2012

Disponível em
<http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/39/Terra%20e%20Cultura_39-8.pdf> Acesso em: 08/2011

Disponível em <www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=1128&article=220...> Acesso em: 10/2011

Disponível em
<http://blog.newtonpaiva.br/seer_3/index.php/RevistaPsicologia/article/viewFile/68/77> Acesso em: 10/2011

Disponível em
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=108697> Acesso em: 09/2011

Disponível em < http://www.eppa.com.br/anais/con3_jung.pdf> Acesso em: 09/2011